



GUSTAVO DIEHL/SECOM

A pronúncia de uma identidade

Sotaques
O modo como falamos carrega informações sobre quem somos e sobre como nos relacionamos com a diversidade linguística presente no Brasil

Desde 2015, quando a UFRGS destinou 30% de suas vagas ao Sistema de Seleção Unificada (SISU), houve um aumento no fluxo de alunos vindos de outras regiões do país, visto que a oportunidade de ingresso se faz mais ampla por não haver a necessidade de se deslocar até o Rio Grande do Sul para prestar o vestibular.

A partir disso, a Universidade se torna um ponto de encontro de sotaques de diversas regiões do país. É o que vem experimentando Lyz Ramos, 19, natural da capital do Rio de Janeiro que veio de muda para o Rio Grande do Sul para estudar Jornalismo na UFRGS. Hoje, ela divide a sala de aula não só com a fala cantada de Porto Alegre e com o ‘é’ fechado do interior do estado, mas também com o sotaque sergipano da colega Camila Pessoa,

19, natural de Aracaju, que, assim como ela, ingressou na Universidade pelo SISU.

Estranhamento – Memórias, tradições e experiências atravessam gerações pelo caminho da oralidade. São elementos que continuamente moldam culturas, provando que a língua não é apenas um código, mas é também o alicerce da humanidade. Culturas, portanto, que não se manifestam apenas pelo que se fala, mas também pela forma como se fala. Uma língua, combinada com fatores históricos, geográficos e sociais, ramifica-se em uma diversidade de sotaques que pintam de diversas cores a fala de um território. A existência de sotaques não significa apenas a presença de variações, significa diversidade.

Todo mundo tem uma forma característica de falar, mas nem todos conseguem reconhecer isso. Segundo a professora do Instituto de Letras Elisa Battisti, as pessoas só costumam se perceber diferentes quando saem do seu território e encontram “um outro diferente”. É o choque entre sotaques que provoca a reação. “À medida que as pessoas se encontram é que a gente consegue ver o resultado da variação linguística na forma de diversidade”, complementa a docente. Foi o que vivenciou Lyz quando veio de muda para Porto Alegre. “A princípio a gente acha que não tem sotaque e que, na verdade, são os outros que têm. Aqui, saí totalmente da minha posição e virei um dos sotaques diferentes, uma das minorias. Comecei a re-

parar muito mais no jeito como eu falo e também fico observando os sotaques daqui”, conta a estudante.

Para Alan Alves Brito, baiano natural de Feira de Santana que veio a Porto Alegre para atuar como professor e pesquisador em Física na UFRGS, a descoberta não foi apenas do sotaque, mas de sua identidade: “Quando eu estava lá, eu não sentia isso fortemente porque estava no meio dos nordestinos. Foi quando deixei a Bahia que me descobri nordestino: no corpo, na maneira de falar, na maneira de me comportar”.

Preconceitos – Ao mesmo tempo em que os sotaques expressam nossas origens sociais, eles também revelam nossos preconceitos. “Esses encontros são muito informativos sobre nós mesmos, sobre o que vemos, e também sobre o que os outros veem a nosso respeito, como somos rotulados. Nós não gostamos de ser rotulados, mas rotulamos o outro”, explica Elisa. Esse pré-julgamento historicamente é atribuído a formas de falar de regiões mais pobres ou não centrais e se manifesta por estranheza, chacota ou até mesmo exclusão. Para o professor do Departamento de Saúde e Comunicação Humana e doutor em Estudos da Linguagem Jefferson Lopes, a rejeição de determinada forma de falar é justamente o preconceito às origens de onde ela vem. “O sotaque em si é uma ponta onde aparece isso, é uma materialização. Esse jeito de falar representa um jeito de ser, uma cultura, costumes, fatores sociais e fatores econômicos. O preconceito

é em relação ao que ele carrega”.

Foi o que vivenciou Alan, que relata frequentemente ter o seu sotaque nordestino associado ao estereótipo pejorativo do baiano — de indivíduos preguiçosos, burros, sem cultura, como ele mesmo define. A partir disso, as pessoas pressupõem quem ele é. “Elas já criam uma situação. Acham que eu sou da limpeza, vim trabalhar como pedreiro ou que vim à procura de emprego. Quando digo que sou professor da UFRGS, elas ficam surpresas. Nunca me colocam no lugar em que estou, porque vão associando a minha fala a determinados lugares que elas acham que eu deveria ocupar na sociedade. Quando abro a boca, já me colocam em um lugar, um não lugar”.

Adaptar ou resistir – Na convivência com sotaques locais, é frequente que algumas características sejam incorporadas ao modo como falamos. Para Jefferson, essa confluência está atrelada às diferenças como um todo, e não só à fala. “Cruzam experiências, culturas, vivências. É difícil desatrelar o sotaque do jeito e da cultura. Então, é natural que ocorra essa mistura”, explica.

É o caso de Camila, que, por ter o pai carioca e ter convivido em sua terra natal com amigos de outras regiões, já reconhecia seu sotaque e havia incorporado um pouco de outras falas. “Eu acho que hoje meu jeito de falar representa essa mistura. Não falo mais como antes, e o meu sotaque ficou nem daqui, nem de lá. É muito comum eu vol-

tar a Aracaju e ouvir: ‘nossa, pegou o sotaque sulista, que esnobe’. Isso porque, por exemplo, eu não falo mais chiado como antes. Foram coisas que eu peguei naturalmente. Mas hoje em dia eu queria ter mais sotaque de lá, agora eu tenho mais identidade com a cultura de lá e aprendi a valorizar mais de onde eu vim”, conta a estudante.

Pertença – O sentimento de pertencimento e identificação vivenciado por Camila é comum entre pessoas que se veem fora de seus territórios e que acabam tendo suas origens reconhecidas pela fala. O sotaque se torna um tradutor de identidades e culturas, e é a partir daí que nasce a ânsia em não perdê-lo, como uma forma de resistência.

“Meu corpo, meu cabelo, meus pensamentos e minha fala são atos políticos, são formas de resistir. Eu gosto de manter meu sotaque e meus hábitos, porque sou eu, é a minha identidade, é a minha história. E se o meu sotaque mudar um pouco, não estou me policiando para que isso aconteça, porque naturalmente posso incorporar algumas coisas, mas ele nunca vai ser apagado. Até mesmo falando em inglês, por exemplo, eu não me esforço para falar sem sotaque de estrangeiro, porque é isso que dá o gostinho de ser diferente, de que não sou daquele lugar”, conclui Alan.

Isabel Linck Gomes,
estudante do 4.º semestre de
Jornalismo da UFRGS